ISSN: 2358-8829

A tradição da narrativa fantástica brasileira e seu diálogo com o ensino de literatura

Guilherme de França Sales [1]
Luciane Alves Santos [2]

1. INTRODUÇÃO

A literatura fantástica ocupa um espaço significativo na tradição literária mundial e brasileira por problematizar os limites entre realidade e imaginação, racionalidade e insólito. Embora durante muito tempo tenha sido associada apenas ao sobrenatural ou ao entretenimento, observa-se que o fantástico constitui uma tradição consolidada na literatura brasileira, presente desde o século XIX até a contemporaneidade. Nesse percurso, autores como Machado de Assis e Murilo Rubião desempenham papel fundamental na construção e na renovação dessa modalidade narrativa, utilizando o insólito como recurso para refletir sobre questões morais, sociais e existenciais.

Em Machado de Assis, o fantástico manifesta-se por meio da ironia, da alegoria e da crítica aos comportamentos humanos, produzindo narrativas que tensionam a lógica realista e estimulam diferentes possibilidades de interpretação. Já em Murilo Rubião, o fantástico assume características modernas, marcadas pelo absurdo, pelo estranhamento e pela naturalização do impossível no cotidiano, ampliando as formas de representação da realidade e da experiência humana.

Nesse contexto, a antologia *Medo Imortal* (2019), publicada pela DarkSide Books, contribui para a valorização da tradição fantástica brasileira ao reunir narrativas voltadas ao horror, ao sobrenatural e ao insólito. Entre os textos da coletânea, destaca-se o conto “A Igreja do Diabo” (1884), de Machado de Assis, cuja construção alegórica e irônica evidencia importantes características do fantástico tradicional brasileiro. Em

[1] Graduando do Curso de Letras- Língua portuguesa da Universidade Federal da Paraíba- UF, guilhermmefranca27@gmail.com;
[2] Professora orientadora: Doutora em letras pela Universidade de São Paulo- USP, luciane45@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

diálogo com essa tradição, “O Pirotécnico Zacarias” (1974), de Murilo Rubião, representa uma nova configuração do fantástico, associada às inquietações existenciais e à ruptura da lógica racional característica da modernidade.

A escolha dessas narrativas justifica-se pela relevância que ambas ocupam na tradição literária brasileira e pelas possibilidades de compreender as permanências e transformações do fantástico ao longo do tempo. Além disso, o estudo dessas obras revela potencial para o ensino de literatura, uma vez que favorece o desenvolvimento da leitura crítica e amplia as possibilidades de formação do leitor literário no contexto escolar.

Diante disso, este trabalho busca responder ao seguinte problema de pesquisa: de que maneira os contos “A Igreja do Diabo” e “O Pirotécnico Zacarias” evidenciam permanências e transformações da narrativa fantástica brasileira e quais contribuições essas narrativas podem oferecer ao ensino de literatura?

Assim, o objetivo geral consiste em analisar a continuidade e as transformações da narrativa fantástica brasileira a partir do diálogo entre os contos de Machado de Assis e Murilo Rubião. Como objetivos específicos, pretende-se identificar os principais elementos fantásticos presentes nas narrativas, compreender as diferenças entre o fantástico tradicional e o fantástico moderno e discutir as contribuições desses textos para o ensino de literatura.

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada na análise comparativa das obras selecionadas e em estudos teóricos sobre a literatura fantástica e o ensino de literatura. Para isso, o trabalho apoia-se nas contribuições de Tzvetan Todorov (1975), David Roas (2014) e Remo Ceserani (2006), no que se refere às discussões sobre o fantástico, e em Rildo Cosson (2009), no campo do ensino de literatura e do letramento literário.

As análises evidenciam que, embora pertençam a contextos históricos distintos, Machado de Assis e Murilo Rubião utilizam o fantástico como instrumento de crítica social, reflexão sobre a condição humana e questionamento da realidade. Além disso, demonstram que o trabalho com narrativas fantásticas no ambiente escolar pode contribuir para a formação de leitores críticos, ampliando o repertório literário dos estudantes e promovendo práticas de leitura mais reflexivas e significativas.

ISSN: 2358-8829

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceitos do fantástico

Os estudos sobre literatura fantástica ganharam grande destaque a partir das contribuições teóricas de Tzvetan Todorov, principalmente com a publicação da obra Introdução à literatura fantástica. O autor propõe que o fantástico não se define apenas pela presença do sobrenatural, mas pela hesitação provocada diante de acontecimentos que desafiam as leis naturais conhecidas. Segundo Todorov (1975, p. 16), o fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural.

A partir dessa definição, compreende-se que o fantástico se constrói na permanência da dúvida. O leitor e as personagens permanecem em estado de indecisão diante do acontecimento narrado, sem que exista uma explicação definitiva para os fatos apresentados. Assim, o fantástico ocupa um espaço intermediário entre o estranho e o maravilhoso.

Além disso, Todorov afirma que determinadas narrativas mantêm essa ambiguidade até mesmo após o encerramento da obra, impossibilitando uma interpretação única dos acontecimentos. Conforme o autor: “Há textos que conservam a ambiguidade até o final, quer dizer, além desse final. Uma vez fechado o livro, a ambiguidade subsiste.” (Todorov, 1975, p. 25).

Desse modo, o fantástico produz um constante questionamento acerca dos limites entre realidade e imaginação, instaurando uma ruptura nas certezas do leitor. As reflexões de David Roas ampliam essa discussão ao compreender o fantástico como uma ameaça à estabilidade da realidade. Para Roas (2014), o fantástico contemporâneo surge quando o impossível invade um universo aparentemente regido pelas leis do real, produzindo inquietação e estranhamento. O autor destaca que o fantástico não se reduz à presença do sobrenatural, mas se constitui como uma ruptura das certezas que organizam a experiência humana.

Nesse sentido, o fantástico atua diretamente sobre a percepção do leitor, abalando aquilo que se entende como natural ou possível. O elemento fantástico rompe com a lógica racional do cotidiano e produz um efeito de instabilidade diante da realidade.

ISSN: 2358-8829

Na mesma direção, Remo Ceserani compreende o fantástico como um modo narrativo presente em diferentes períodos históricos e manifestações literárias. Para Ceserani (2006), o fantástico apresenta características recorrentes, como a ambiguidade, o medo, a ruptura da lógica racional e a presença do insólito. Dessa maneira, o fantástico não deve ser entendido apenas como um gênero fechado, mas como uma forma de representação das inquietações humanas e sociais.

Além das contribuições desses autores, outros estudiosos também discutem a relação entre fantástico, linguagem e subjetividade. Filipe Furtado (1980), por exemplo, afirma que a narrativa fantástica se constrói por meio da coexistência entre explicações contraditórias, instaurando uma permanente tensão entre racionalidade e sobrenatural.

Louis Vax (1972) também destaca a importância da indecisão para a construção do fantástico, afirmando que o gênero depende da manutenção da dúvida diante dos acontecimentos narrados. Segundo o autor, a narrativa fantástica ideal é aquela que consegue preservar a ambiguidade até o final do texto.

Ao discutir os limites entre literatura e realidade, Todorov observa que a literatura fantástica questiona as próprias divisões estabelecidas pela linguagem. Segundo o autor: “A literatura fantástica põe precisamente em julgamento a existência de uma oposição irredutível entre o real e o irreal.” (TODOROV, 1975, p. 81).

Essa perspectiva evidencia que o fantástico não atua apenas no plano temático, mas também no plano discursivo, colocando em crise as formas tradicionais de compreensão da realidade.

2.2 O fantástico na tradição literária brasileira

Na literatura brasileira, o fantástico desenvolveu características próprias, dialogando tanto com a tradição europeia quanto com elementos culturais nacionais. Diferentemente de algumas narrativas europeias marcadas pela predominância do sobrenatural explícito, o fantástico brasileiro frequentemente se constrói a partir da aproximação entre o cotidiano e o insólito.

Em autores como Machado de Assis, o fantástico aparece associado à dúvida psicológica, à subjetividade e à instabilidade da percepção humana. Em muitos de seus contos, o leitor permanece em constante hesitação diante dos acontecimentos narrados, sem saber se os fatos pertencem ao plano do real ou da imaginação.

ISSN: 2358-8829

Posteriormente, escritores como Murilo Rubião intensificam o caráter absurdo e insólito da narrativa fantástica brasileira. Em suas obras, acontecimentos impossíveis surgem de maneira naturalizada, rompendo com a lógica tradicional do realismo.

Além disso, autores como José J. Veiga utilizam o fantástico como instrumento de crítica social e política, transformando o insólito em representação simbólica das tensões sociais e das relações de poder.

O fantástico brasileiro também mantém forte relação com o imaginário popular, com o folclore e com as tradições orais presentes na cultura nacional. Essa aproximação contribui para a construção de uma identidade própria do fantástico na literatura brasileira.

Segundo Roas (2014), o fantástico contemporâneo se caracteriza justamente pela ruptura das certezas que organizam a experiência cotidiana. Nesse contexto, o fantástico brasileiro utiliza o insólito para questionar a realidade social e psicológica, transformando o cotidiano em espaço de inquietação e estranhamento.

Ao discutir a relação entre linguagem e literatura, Todorov afirma: “A literatura existe pelas palavras; mas sua vocação dialética consiste em dizer mais do que diz a linguagem, em superar as divisões verbais.” (Todorov, 1975, p. 81).

Dessa forma, o fantástico brasileiro pode ser compreendido como um espaço literário marcado pela tensão entre realidade, imaginação e linguagem, produzindo narrativas abertas à multiplicidade de interpretações.

2.3 Ensino de literatura e os textos fantásticos

O ensino de literatura por meio de textos fantásticos contribui significativamente para a formação crítica do leitor, uma vez que esse tipo de narrativa exige interpretação ativa e participação constante do estudante na construção de sentidos.

A ambiguidade presente nas narrativas fantásticas leva o leitor a questionar os limites entre realidade e imaginação, estimulando reflexões acerca da linguagem, da subjetividade e da representação do mundo. Além disso, o caráter inquietante dessas narrativas desperta interesse dos estudantes e favorece o envolvimento com a leitura literária. Segundo Todorov (1975, p. 41), “Nem toda ficção nem todo sentido literal estão ligados ao fantástico; mas todo o fantástico está ligado à ficção e ao sentido literal. Ambos são condições necessárias para a existência do fantástico.”

ISSN: 2358-8829

Nesse sentido, o fantástico possibilita o desenvolvimento da leitura crítica, já que exige do leitor atenção aos múltiplos sentidos do texto e às ambiguidades presentes na narrativa.

Ceserani (2006) também destaca que o fantástico se relaciona diretamente às inquietações humanas e às crises culturais de cada época, funcionando como representação simbólica das tensões sociais e existenciais. Dessa maneira, o trabalho com textos fantásticos em sala de aula permite discutir temas como medo, identidade, subjetividade, imaginário social e construção da realidade.

Roas (2014), por sua vez, afirma que o fantástico contemporâneo provoca inquietação justamente porque rompe as certezas que estruturam a experiência cotidiana. Assim, o contato com narrativas fantásticas favorece reflexões sobre realidade, verdade e percepção do mundo.

Portanto, o ensino de literatura fantástica não deve ser compreendido apenas como entretenimento ou narrativa sobrenatural, mas como importante instrumento de formação leitora e desenvolvimento crítico, permitindo ao estudante ampliar suas possibilidades de interpretação e compreensão da experiência humana.

3. O fantástico na tradição: “A Igreja do Diabo” e o fantástico moderno: “O Pirotécnico Zacarias”

3.1 Contexto do conto e da antologia Medo Imortal

A narrativa fantástica brasileira apresenta diferentes formas de construção do insólito ao longo da tradição literária nacional. Entre essas manifestações, destacam-se o conto “A Igreja do Diabo”, de Machado de Assis, presente na antologia *Medo Imortal*, e “O Pirotécnico Zacarias”, de Murilo Rubião, importante representante do fantástico moderno brasileiro.

A antologia *Medo Imortal*, publicada pela editora DarkSide Books, reúne narrativas brasileiras voltadas ao horror, ao sobrenatural e ao insólito, recuperando autores fundamentais da tradição fantástica nacional. Nesse contexto, “A Igreja do Diabo” ocupa posição relevante por apresentar uma narrativa marcada pela ironia filosófica, pela crítica moral e pela presença simbólica do sobrenatural. Publicado originalmente em 1884, o conto de Machado de Assis surge em um contexto literário ainda fortemente ligado ao Realismo, movimento no qual o autor se destacou. Entretanto, mesmo inserido nesse cenário, Machado frequentemente rompe com os limites do realismo tradicional

ISSN: 2358-8829

ao incorporar elementos alegóricos, fantásticos e metafísicos em suas narrativas. Já “O Pirotécnico Zacarias”, publicado posteriormente por Murilo Rubião, representa outra fase da literatura fantástica brasileira. Em Rubião, o fantástico deixa de depender do sobrenatural tradicional e passa a se estruturar por meio do absurdo, do estranhamento e da naturalização do impossível, características associadas ao fantástico moderno discutido por David Roas (2014).

Dessa maneira, os dois contos evidenciam a continuidade da tradição fantástica brasileira, ao mesmo tempo em que revelam importantes transformações na forma de representação do insólito entre o século XIX e a contemporaneidade.

3.2 Elementos do fantástico e da ironia machadiana

No conto “A Igreja do Diabo”, Machado de Assis constrói uma narrativa em que o Diabo decide fundar sua própria igreja, acreditando que os homens seguiriam com maior facilidade os caminhos do pecado. Entretanto, ao longo da narrativa, o personagem percebe que os próprios fiéis de sua igreja continuam praticando ações consideradas virtuosas, frustrando seu projeto inicial.

A presença do Diabo como personagem ativo da narrativa introduz um elemento sobrenatural que rompe parcialmente com a lógica realista. Contudo, o fantástico machadiano não se constrói prioritariamente pelo medo ou pelo horror, mas pela ironia e pela ambiguidade presentes no texto.

Essa característica aproxima-se da concepção de fantástico formulada por Tzvetan Todorov (1975), segundo a qual o fantástico se estabelece na hesitação entre o racional e o sobrenatural. Em Machado, o sobrenatural é incorporado de maneira aparentemente natural à narrativa, criando um espaço ambíguo entre alegoria, crítica social e fantástico.

Ao apresentar o Diabo organizando uma igreja e debatendo questões morais, Machado produz um efeito simultaneamente irônico e inquietante. O próprio discurso do Diabo evidencia a sátira presente na narrativa:“Vou fundar uma igreja...” (Assis, 2019, p. 21).

A ironia machadiana se manifesta justamente na inversão dos valores religiosos e morais. O Diabo assume comportamentos humanos e institucionais, enquanto os homens revelam constante instabilidade ética. Dessa maneira, Machado utiliza o fantástico como mecanismo de crítica à hipocrisia social e à complexidade da natureza humana.

ISSN: 2358-8829

3.3 Crítica moral e ruptura da lógica realista

Além da presença do sobrenatural, "A Igreja do Diabo" rompe com a lógica realista ao transformar figuras religiosas em personagens ativos da narrativa. O diálogo entre Deus e o Diabo desloca o conto para uma dimensão alegórica e metafísica, afastando-se do realismo tradicional predominante no período.

Segundo Todorov (1975, p. 16), o fantástico surge quando ocorre uma vacilação diante de acontecimentos aparentemente sobrenaturais. No conto machadiano, essa ruptura não produz medo intenso, mas provoca reflexão crítica sobre os limites da moralidade humana. Ao perceber que os homens continuam praticando boas ações mesmo dentro de sua igreja, o Diabo afirma que os bons costumes acabavam afastando seus seguidores, uma vez que muitos, influenciados pelas virtudes, voltavam a adotar os costumes anteriores (Assis, 2019) Esse trecho evidencia a crítica moral construída por Machado de Assis. O autor demonstra que o ser humano não consegue se fixar integralmente nem no bem nem no mal, revelando uma natureza contraditória e instável.

Além disso, o humor e a ironia presentes na narrativa reforçam o caráter crítico do conto. Machado utiliza o fantástico não apenas como elemento sobrenatural, mas como instrumento de questionamento filosófico e social.

3.4 Características do fantástico em "O Pirotécnico Zacarias"

No conto "O Pirotécnico Zacarias", Murilo Rubião constrói uma narrativa marcada pelo absurdo e pela naturalização do impossível. O protagonista permanece vivendo normalmente após sua morte, fato tratado de maneira relativamente comum pelas demais personagens.

Logo no início da narrativa, Zacarias afirma: "Morreram-me num domingo de carnaval." (Rubião, 1974, p. 13). A frase inicial já introduz uma ruptura imediata da lógica racional, característica central do fantástico moderno. O narrador relata sua própria morte de maneira naturalizada, sem que exista explicação plausível para sua permanência entre os vivos.

Essa construção aproxima-se das reflexões de Roas (2014), para quem o fantástico contemporâneo se caracteriza pela invasão do impossível em um universo aparentemente normal. Em Rubião, o insólito não surge como exceção assustadora, mas como parte integrante do cotidiano.

ISSN: 2358-8829

Além disso, a narrativa rompe completamente com a necessidade de justificativas racionais. O impossível simplesmente acontece, intensificando o estranhamento do leitor diante da realidade apresentada.

Segundo Remo Ceserani (2006), o fantástico moderno frequentemente abandona o sobrenatural clássico e passa a explorar o absurdo e a instabilidade da realidade contemporânea. Essa característica aparece de forma evidente na narrativa de Rubião.

3.5 Estranhamento, absurdo e humor

O estranhamento constitui um dos principais elementos da narrativa fantástica de Murilo Rubião. Em "O Pirotécnico Zacarias", o leitor se depara com uma situação impossível, um morto que continua vivendo, tratada com naturalidade pelas personagens. Essa naturalização do absurdo produz forte sensação de inquietação, pois rompe completamente com as expectativas realistas do leitor. O fantástico deixa de depender exclusivamente do medo sobrenatural e passa a atuar por meio da desestabilização da própria lógica cotidiana.

Além disso, o humor exerce função importante na narrativa. Mesmo diante de acontecimentos absurdos, Rubião constrói cenas marcadas por ironia e comicidade, ampliando ainda mais o estranhamento provocado pelo texto. Em determinado momento, Zacarias afirma: "Sou um morto diferente dos outros, sei perfeitamente que morri." (Rubião, 1974, p. 16).

A naturalidade com que o personagem descreve sua condição evidencia o humor absurdo característico da escrita de Rubião. O leitor é colocado diante de uma situação impossível apresentada de maneira racional e cotidiana. Segundo Ceserani (2006), o fantástico moderno frequentemente combina humor, ironia e inquietação, produzindo narrativas em que o absurdo se torna elemento de reflexão sobre a própria realidade humana.

3.6 Crítica social e existencial

Tanto Machado de Assis quanto Murilo Rubião utilizam o fantástico como forma de reflexão crítica sobre a sociedade e sobre a condição humana. Entretanto, cada autor desenvolve essa proposta de maneira distinta. Em Machado, o fantástico aparece associado à ironia moral e à crítica da hipocrisia social. O comportamento contraditório dos personagens demonstra a impossibilidade de estabelecer divisões absolutas entre

ISSN: 2358-8829

virtude e pecado. Já em Murilo Rubião, o absurdo assume dimensão existencial. A permanência de Zacarias entre a vida e a morte simboliza a alienação, a solidão e a perda de sentido características do sujeito moderno.

Além disso, a naturalização do impossível evidencia uma crítica à própria sociedade contemporânea, em que situações incoerentes passam a ser aceitas como normais. O fantástico funciona, assim, como mecanismo de questionamento da realidade e das relações humanas.

Conforme afirma Todorov (1975, p. 81), "a literatura fantástica põe precisamente em julgamento a existência de uma oposição irredutível entre o real e o irreal". Essa perspectiva pode ser observada nos dois contos analisados, uma vez que ambos rompem com a lógica realista para problematizar questões morais, sociais e existenciais.

Desse modo, a aproximação entre "A Igreja do Diabo" e "O Pirotécnico Zacarias" evidencia não apenas a continuidade da tradição fantástica brasileira, mas também as transformações do gênero ao longo do tempo, especialmente na passagem do fantástico tradicional para o fantástico moderno.

4. Comparações entre Machado de Assis e Murilo Rubião e implicações pedagógicas

A análise dos contos "A Igreja do Diabo", de Machado de Assis, e "O Pirotécnico Zacarias", de Murilo Rubião, permite identificar tanto permanências quanto transformações na narrativa fantástica brasileira. Embora escritos em contextos históricos e literários distintos, os dois autores utilizam o insólito para questionar a realidade e provocar reflexões sobre a condição humana.

4.1 Permanências e mudanças na narrativa fantástica

Em Machado de Assis, o fantástico está relacionado à alegoria, à ironia e à crítica moral e social. Em "A Igreja do Diabo", a presença de personagens e acontecimentos sobrenaturais é utilizada para discutir as contradições do comportamento humano, especialmente a instabilidade entre virtude e pecado. O insólito, portanto, não aparece apenas como elemento sobrenatural, mas como recurso para questionar valores e comportamentos sociais.

Em Murilo Rubião, por outro lado, o fantástico assume uma configuração mais próxima da modernidade. Em "O Pirotécnico Zacarias", o impossível é incorporado ao

ISSN: 2358-8829

cotidiano e tratado com naturalidade pelas personagens. A permanência de Zacarias após sua própria morte rompe com a lógica racional e produz o estranhamento característico de sua narrativa.

Apesar dessas diferenças, os dois contos apresentam uma característica comum: a ruptura das certezas do leitor. Conforme Todorov (1975), o fantástico coloca em questão os limites entre o real e o irreal. Em Machado, essa ruptura ocorre principalmente pela ironia e pela alegoria; em Rubião, pelo absurdo e pela naturalização do impossível. Assim, observa-se uma transformação na forma de construção do fantástico, mas também a permanência de sua função crítica.

4.2 Implicações para o ensino de literatura

A aproximação entre as duas narrativas também permite pensar em possibilidades para o ensino de literatura. O fantástico apresenta situações que desafiam a compreensão imediata do leitor e, por isso, favorecem uma leitura participativa e interpretativa.

Nesse sentido, as contribuições de Cosson (2009) sobre o letramento literário são importantes para compreender a literatura como uma experiência de construção de sentidos. O trabalho com os contos de Machado de Assis e Murilo Rubião pode possibilitar aos estudantes o contato com diferentes formas de representação do insólito, além de estimular discussões sobre moralidade, sociedade, identidade, subjetividade e realidade.

A comparação entre os autores também permite compreender as transformações da literatura fantástica brasileira ao longo do tempo. Ao observar como um mesmo recurso literário pode assumir diferentes formas, o estudante amplia seu repertório e desenvolve uma postura mais crítica diante do texto literário.

Desse modo, o ensino de narrativas fantásticas pode contribuir para a formação do leitor literário, pois articula interpretação, imaginação e reflexão crítica. O professor pode utilizar as ambiguidades, o estranhamento e as rupturas presentes nos contos como pontos de partida para debates e atividades de leitura, aproximando a literatura das experiências e questionamentos dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de “A Igreja do Diabo”, de Machado de Assis, e “O Pirotécnico Zacarias”, de Murilo Rubião, demonstrou permanências e transformações na narrativa fantástica brasileira. Machado utiliza a ironia, a alegoria e o sobrenatural para construir uma crítica moral e social, enquanto Rubião explora o absurdo e a naturalização do impossível. Apesar dessas diferenças, as duas obras utilizam o insólito para questionar a realidade e provocar reflexões sobre a condição humana.

No ensino de literatura, os contos analisados apresentam potencial para desenvolver a leitura crítica, a interpretação e a participação do estudante na construção de sentidos. A comparação entre as obras também possibilita compreender diferentes formas de representação do fantástico na literatura brasileira. Conclui-se, portanto, que o trabalho com narrativas fantásticas pode contribuir para a formação do leitor literário, aproximando a literatura de questões sociais, culturais e humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **A Igreja do Diabo**. In: FLOR, Cesar Bravo; TOKITAKA, Ramon (org.). Medo imortal: contos de horror do século XIX. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2019.

CESERANI, Remo. **O fantástico.** Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed UFPR, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2009.

FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa.** Lisboa: Horizonte Universitário, 1980.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas.** Tradução de Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

RUBIÃO, Murilo. **O pirotécnico Zacarias.** São Paulo: Ática, 1974.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VAX, Louis. **A arte e a literatura fantásticas.** Tradução de João Costa. Lisboa: Arcádia, 1972.